

TRABALHOS DOS ALUNOS DO NÚCLEO DE CRIANÇAS E JOVENS

Ex-posição: apresentar para fora algo que já não se pode retrain, algo que, como que de repente, do oculto em que se retinha, pede visibilidade, e vem à luz. - Assim em geral se pensa uma exposição "de arte". Há o artista. No silêncio e no recolhimento, trabalhou, e a obra, que assim produziu, pertence-lhe por um certo tempo; agora, exposta ao outro, há de correr mundo, e nesse curso, fazer um mundo: disto ela é, doravante, a obra.

Mas não é assim aqui. Os trabalhos que se vão ver são o resultado, sempre provisório, equilibrado no máximo de instabilidade, de uma tentativa de viver entre a arte e a educação. - É possível ensinar arte? - Quem, de que lugar definitivo e realizado para sempre, saberia responder? - É possível aprender? - Parece que sim. Mas há modos, vários e tão freqüentemente opostos.

A aposta do Núcleo de Crianças e Jovens da Escola de Artes Visuais do Parque Lage, desde 1992, tem sido a de que aprender é possível - desde que por aprender não se entenda o treinamento em padrões identitários já estabelecidos. - O que se produziria com essa submissão ao canônico, à lei? - Não sei quanto às obras, mas desconfio. Sei quanto aos sujeitos que emergiriam desse processo de docilidade: sujeitos de repetição. - Creio não faltar à verdade ao imaginar que, ao contrário, o Núcleo de Crianças e Jovens utilizou consistentemente - quer dizer: num ritmo sujeito a mudanças constantes e à invenção alegre - uma pedagogia da demora, a fim de produzir sujeitos apaixonados pela criação, sujeitos da diferença. - Demora: o tempo necessário, que nunca se sabe antes, nem cabe em currículos e programas fechados; demora é também a habitação no tempo, a instalação no que passa, dura, dissolve-se e revém.

Essa demora cultivada com mãos paciente, com inteligência e minucioso amor, produziu essa exposição. Agora olhem com olhar de descobrir e inventar o novo: são obras, são coisas acabadas? - Não. São como que pessoas; estão em movimento, nasceram do movimento e pedem um toque de quem entra, o toque leve da vida.

Olhem e toquem, portanto. Podem sorrir. Aqui não é um lugar para a seriedade pesada. Aqui é um espaço para a leveza alegre. - Não é, para quem entra, uma incomparável sedução?

Márcia Favare D'Amoral

TRABALHOS DOS ALUNOS DO NÚCLEO DE CRIANÇAS E JOVENS

Ex-posição: apresentar para fora algo que já não se pode retrain, algo que, como que de repente, do oculto em que se retinha, pede visibilidade, e vem à luz. - Assim em geral se pensa uma exposição "de arte". Há o artista. No silêncio e no recolhimento, trabalhou, e a obra, que assim produziu, pertence-lhe por um certo tempo; agora, exposta ao outro, há de correr mundo, e nesse curso, fazer um mundo: disto ela é, doravante, a obra.

Mas não é assim aqui. Os trabalhos que se vão ver são o resultado, sempre provisório, equilibrado no máximo de instabilidade, de uma tentativa de viver entre a arte e a educação. - É possível ensinar arte? - Quem, de que lugar definitivo e realizado para sempre, saberia responder? - É possível aprender? - Parece que sim. Mas há modos, vários e tão freqüentemente opostos.

A aposta do Núcleo de Crianças e Jovens da Escola de Artes Visuais do Parque Lage, desde 1992, tem sido a de que aprender é possível - desde que por aprender não se entenda o treinamento em padrões identitários já estabelecidos. - O que se produziria com essa submissão ao canônico, à lei? - Não sei quanto às obras, mas desconfio. Sei quanto aos sujeitos que emergiriam desse processo de docilidade: sujeitos de repetição. - Creio não faltar à verdade ao imaginar que, ao contrário, o Núcleo de Crianças e Jovens utilizou consistentemente - quer dizer: num ritmo sujeito a mudanças constantes e à invenção alegre - uma pedagogia da demora, a fim de produzir sujeitos apaixonados pela criação, sujeitos da diferença. - Demora: o tempo necessário, que nunca se sabe antes, nem cabe em currículos e programas fechados; demora é também a habitação no tempo, a instalação no que passa, dura, dissolve-se e revém.

Essa demora cultivada com mãos paciente, com inteligência e minucioso amor, produziu essa exposição. Agora olhem com olhar de descobrir e inventar o novo: são obras, são coisas acabadas? - Não. São como que pessoas; estão em movimento, nasceram do movimento e pedem um toque de quem entra, o toque leve da vida.

Olhem e toquem, portanto. Podem sorrir. Aqui não é um lugar para a seriedade pesada. Aqui é um espaço para a leveza alegre. - Não é, para quem entra, uma incomparável sedução?

Márcia Favare D'Amoral